

BRANCO & PRATA: A VELHICE TEMATIZADA EM UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A TRANSIÇÃO CAPILAR

BRANCO & PRATA: OLD AGE THEMED IN A DOCUMENTARY ABOUT CAPILLARY TRANSITION

Débora Pires Teixeira 1
Ítalo José de Medeiros Dantas 2
Glauber Soares Júnior 3
Fabiano Eloy Atilio Batista 4

Resumo: O presente artigo analisa o documentário brasileiro Branco & Prata, lançado em 2017, pela IMG Content, buscando compreender como as mulheres percebem o processo de transição capilar, tendo o cabelo branco como um símbolo distintivo. Após transcrição fidedigna do documentário, os dados foram categorizados e avaliados pela análise temática, com ênfase na análise de conteúdo temático-categorial, proposto por Bardin (2000), na qual foram definidas três categorias de análise: o processo decisório da transição capilar; liberdade e aprisionamentos; preconceitos e aceitação. Em meio a um expressivo crescimento da população mais velha, o documentário cumpre o papel de fornecer visibilidade midiática à velhice.

Palavras-chave: Velhice. Cabelos Brancos e Grisalhos. Cinema Documental.

Abstract: This paper analyzes the brazilian documentary Branco & Prata, released in 2017 by IMG Content, seeking to understand how women perceive the hair transition process, with white hair as a distinctive symbol. After a reliable transcription of the documentary, the data were categorized and evaluated by thematic analysis, with emphasis on the analysis of thematic-categorical content, proposed by Bardin (2000), in which three categories of analysis were defined: the decision process of the capillary transition; freedom and imprisonment; prejudices and acceptance. Amid a significant growth in the older population, the documentary fulfills the role of providing media visibility to old age.

Keywords: Old Age. White and Gray Hair. Documentary Cinema.

- 1 Doutora em Economia Doméstica pela UFV. Professora Adjunta do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da – UFRRJ. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPACS/UFRRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2910697556921693>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3143-8676>. E-mail: deborapires@ufrrj.br
- 2 Doutorando em Processos e Manifestações Culturais (Feevale). Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3950194171500432>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0710-6142>. E-mail: italodantasdesign@hotmail.com
- 3 Doutorando em Processos e Manifestações Culturais (Feevale). Professor do curso de Bacharelado em Design na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Ubá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9649333341548747>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9902-9740>. E-mail: glaubersoares196@hotmail.com
- 4 Doutor em Economia Doméstica (UFV); Doutorando em Artes, Cultura e Linguagens (UFJF). Professor do curso de Bacharelado em Design na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG, Ubá). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0058785649666554>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7067-560X>. E-mail: fabiano_jfmg@hotmail.com

Introdução

A aceitação do embranquecimento dos cabelos, enquanto fator natural no processo do envelhecimento do ser humano, sempre foi uma prática quase que exclusivamente masculina. Para os homens, o cabelo grisalho evoca um tipo de charme ligado à maturidade e experiência. Pelo contrário, entre as mulheres, principalmente as jovens, o uso dos cabelos naturalmente grisalhos ainda é um tabu, visto como sinal de desleixo ou enunciador do envelhecimento. Entretanto, entre os discursos contemporâneos que questionam o padrão de beleza atrelado à estética jovem, tem se observado um aumento de mulheres que assumem os cabelos grisalhos (Miranda; Fialho, 2017; Felerico, 2021).

Recentemente, percebe-se um movimento, de alcance mundial, por parte do público feminino rumo à aceitação dos cabelos brancos, o que Araújo (2019, p. 136) apresentou como a “revolução grisalha”. A autora cita que, a partir de 2013, a literatura internacional (Estados Unidos e Europa) vem apontando a existência de uma série de textos publicados em mídia digital (*blogs* e *sítes*) sobre a aceitação dos cabelos brancos.

No Brasil, também a partir de 2013, nota-se a publicação de textos semelhantes seja em portais de notícias (Portal iG), sites temáticos sobre envelhecimento e velhice (50 emais), *blogs* de moda (Modices) sites de jornais e revistas de interesse geral e em revistas femininas (Isto É e *Marie Claire*) (Araújo, 2019). A temática também é tratada em grupos em redes sociais (*Facebook*), como é o caso de “Grisalhas Assumidas e em Transição”, uma comunidade fechada no *Facebook*, que existe desde 2016, fundada e administrada por Daniela de Bonis Coutinho quando ela passava pelo processo de transição da cor dos cabelos (Aires; Lopes, 2024). Para Araújo (2019, p. 139): “Nesses espaços midiáticos, os participantes, mulheres na maioria, discutem os significados do cabelo branco postando fotos suas com os cabelos brancos ou grisalhos”.

Nessa perspectiva, pode-se entender o corpo como um corpo-território, dentro de suas múltiplas construções, que geram emoções e consolidações de que um corpo fisiológico se torna responsável por produzir alterações fisiológicas e consequentemente de consolidar esse corpo como social visto o momento de aceitação dos grisalhos.

Dentro da abordagem da corporeidade, o corpo é mutável em função do contexto e da época. O corpo é, pois, o território que expressa o mundo cultural que o enforma e transforma, sendo simultaneamente, um instrumento de ação. Desde os primórdios o corpo foi necessariamente o primeiro território de construção das relações, portanto é produto e produtor das relações sociais e territoriais (Piedade, 2017).

Na visão de Aires e Lopes (2023) a adesão aos cabelos brancos e grisalhos naturais por parte de mulheres famosas no período de isolamento social recomendado no combate a pandemia por COVID-19 também reforçou o movimento da “revolução grisalha”, que ganhou ainda mais espaço no mercado publicitário, a exemplo das linhas de shampoos destinadas para cabelos brancos e grisalhos.

O uso dos cabelos brancos também tem sido recorrente nas publicidades contemporâneas, o que inclui o marketing de moda. Segundo Mackinney-Valentin (2014), existem duas versões da tendência ‘*granny chic*’ no marketing de moda: a utilização de modelos com 60 anos ou mais ou de modelos mais jovens de cabelos grisalhos (natural ou peruca).

No mercado internacional, verifica-se a atuação de modelos longevos com cabelos brancos nas principais semanas de moda e em campanhas publicitárias, com grandes nomes da moda e da Alta-costura incorporando à tendência. Segundo Teixeira e Farias (2020), nos eventos brasileiros de moda de maior prestígio, como é o caso do São Paulo *Fashion Week* (SPFW), a inclusão de modelos com cabelos brancos foi observada a partir de 2004, na coleção da marca *Zapping*. No entanto, seu uso tem sido cada vez mais frequente pelas macas nacionais.

A existência de uma “revolução grisalha” também tem sido registrada em outros espaços midiáticos, como nos documentários, ente eles os brasileiros *Grisalhas* e *Branco & Prata* são exemplos dessa situação. Ambos propõem uma reflexão sobre o envelhecimento feminino, a liberdade e os padrões de beleza, partindo de depoimentos de mulheres que decidiram deixar os cabelos embranquecerem naturalmente. A questão que norteia esses documentários é: Por que as mulheres que ostentam cabelos brancos são tão questionadas?

O corpo que carrega um cabelo grisalho é um corpo marcado preconceitos e exclusão, sobretudo no contexto brasileiro, país cuja manutenção do corpo jovem representa a preocupação central das mulheres (Goldenberg, 2007). Como afirma Piedade (2017, p.127). “diferentes corpos, diferente poder, diferente capacidade de exercício de cidadania, doenças diferentes, enformam territórios de inclusão e de exclusão; diferentes corpos se assumem como territórios de inclusão e de exclusão”.

De acordo com Neves (2016), o Brasil, ao lado dos Estados Unidos, está no topo da lista de maiores consumidores de corante capilar do planeta, sendo a prática de pintar os cabelos brancos, amplamente, difundida no Brasil. O fabricante *Wella*, em 2009, revelou que 59% das brasileiras colorem os cabelos e, dessas, 79% usariam produtos de coloração em casa.

Por outro lado, o grisalho também é uma possibilidade de subversão, liberdade e de distinção social, pois “o corpo lugar/território transmuta-se e torna-se fronteira e ponte que permite o estabelecimento de formas de sociabilidade, de construir marcas identitárias e de distinção social” (Piedade, 2017, p.132).

Dito isso, o presente artigo analisa o documentário *Branco & Prata* buscando compreender como as mulheres percebem o processo de transição capilar, tendo o cabelo branco como um símbolo distintivo.

Os documentários procuram manter uma relação de grande proximidade com a realidade, embora não possa ser considerado um retrato fiel dela, mas uma forma de representação (Melo, 2002; Puccini, 2007). Ou seja, “não estamos diante de uma mera documentação, mas de um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos” (Melo, 2002, p. 29). Esse fato confere ao documentário uma atuação significativa para mobilização social, sendo capaz de conduzir o espectador a problematizar sua realidade. Dessa maneira, julga-se relevante a discussão acadêmica em torno de um documentário cujo argumento é capaz de contribuir para a revisão de representações negativas da velhice, buscando superá-las.

Metodologia

Metodologicamente, a pesquisa se classifica como documental e interpretativa, na qual o material audiovisual foi assistido e transformado em texto por meio da transcrição, considerando além do verbal (depoimentos), os aspectos visuais das imagens, silêncios, pausas e entonação das falas e os efeitos especiais.

Após transcrição fidedigna do documentário, para análise dos resultados, inspirou-se na análise temática, com ênfase no conteúdo temático-categorial, de Bardin (2000), que seguiu três etapas: (a) pré-análise (leitura flutuante das transcrições); (b) exploração do material (categorização e agrupamento dos dados); (c) tratamento dos resultados e interpretação (interpretação dos resultados, inferências e discussão com autores da literatura). Com esse processo, foram definidas como categorias de análise: o processo decisório da transição capilar; liberdade; preconceitos e aceitação.

Desenvolvimento, resultados e discussão

O média-metragem *Branco & Prata*, gravado em português, com 38 minutos de duração, foi produzido pela *IMG Content* e estreou em 27 de setembro de 2017, com direção de Humberto Bassanelli e José Carlos Lage e argumento de Elca Rubinstein. O documentário foi financiado pela Lei de Incentivo à cultura, Lei Rouanet (PRONCAC 138239), do Ministério da Cultura do Brasil e está disponível na plataforma *YouTube*®, com acesso gratuito. Conforme a *IMG Content* (2020), o documentário assume como função apresentar “histórias de mulheres que decidiram parar de pintar seus cabelos para exibir a beleza dos fios brancos e prateados”.

De acordo com Melo (2002, p. 26), uma característica fundamental do documentário é o fato dele “ser um discurso pessoal de um evento que prioriza exigências mínimas de verossimilhança, literalidade e o registro *in loco*” (localização espaço-temporal). O registro “*in loco*” pode assumir diferentes tipos: a) *in loco* contemporâneo, quando o tempo e o espaço do fato/objeto retratado

são contemporâneos ao da produção do documentário (aqui e agora); b) *in loco* (re)construído, quando faz referência ao passado, mas acontece no tempo presente e c) *in loco* referencial evolutivo, que também faz referência ao tempo passado, mas, neste caso, não há uma interferência direta do documentarista no ambiente. Segundo essa classificação, *Branco & Prata* assume um registro *in loco* contemporâneo, pois trata de um tema atual na sociedade brasileira (aqui) e refere-se ao tempo presente (agora).

Sobre a narrativa, o documentário tem início com imagens mulheres pintando cabelo no salão de beleza. Concomitantemente, o psicanalista Bernardo Gregório apresenta uma reflexão sobre os espelhos e seus reflexos na mitologia grega. Segundo ele, do ponto de vista mitológico, existem dois tipos de espelhos: o de cobre e o de prata. O espelho de cobre, pela interação com a cor do metal, promove, automaticamente, uma edição na imagem, agindo como um filtro que trata certas imperfeições. Assim, o espelho da deusa Afrodite só refletia o que era belo.

Por outro lado, o espelho de prata transmite a realidade, por isso é associado à deusa da lua, Artêmis. A ideia do espelho de prata é quebrar padrões idealizados de beleza e evidenciar essa mudança. Artêmis é a deusa das passagens, dos limiares, das transformações, por isso a transição capilar é de responsabilidade dela. Segundo Gregório, as sacerdotisas celtas afirmavam que o cabelo branco é a coroa prateada da lua que será transferida para as mulheres mais maduras e sábias.

Logo após essa introdução, o documentário exhibe os depoimentos de mulheres que passaram pelo processo de transição, apresentando, ainda, uma fala de quem mantém o processo de tingimento dos cabelos brancos. Além delas, há depoimentos de cônjuges e outros familiares e de um cabelereiro nacionalmente renomado.

Ao longo do vídeo surgem imagens amplas das depoentes (mulheres e cenários) e imagens fechadas (*close-up*) da cabeça das mulheres, que geralmente tocam os cabelos. Essas cenas também são intercaladas com as de mulheres tingindo os cabelos em salões de beleza, a fim de produzir um contraponto com as falas sobre a libertação desse ritual ou sobre a dificuldade de abandoná-lo. O último ato do média-metragem mostra um encontro entre as participantes do documentário, no qual elas compartilham fotos de diferentes etapas da vida, com diferentes tipos de cabelos.

Ao tematizar os cabelos brancos, o documentário versa sobre a insatisfação das mulheres com os processos de tingimento capilar; as interpelações, as críticas e os elogios sobre a decisão de deixar os cabelos embranquecerem e os sentimentos de libertação e aprisionamento decorrentes dessa decisão.

Desencadeadores do processo de transição

Dentre os temas apresentados pelas entrevistadas, os fatores de insatisfação com o processo de tingimento - que incluem a necessidade de constantes investimentos em coloração capilar (tempo/dinheiro) e o cansaço decorrente desse processo - representam os motivos pelos quais as mulheres encararam a transição capilar e assumiram os cabelos grisalhos e brancos. Tal como apontaram Miranda e Fialho (2017), as falas os recortes das falas das entrevistadas caminham nesse sentido:

Não é nada prático pintar o cabelo. No dia você gosta do carinho, do brilho e da textura do cabelo, mas tem os outros dias 25 dias. (...) a coisa do dinheiro, tu tem que ter um orçamento praquilo todos os meses (Mulher 2).

(...) eu comecei a trabalhar uma coisa em mim de que eu já estava exaurida daquele compromisso com a beleza. Beleza associada aos cabelos tintos e feiura aos cabelos brancos (Mulher 3).

O cabelo tingido era lindo, maravilhoso, mas eu não conseguia mais manter aquela realidade, pela constante necessidade de novos investimentos, como o retoque de raiz (Mulher 4).

É muito chato pintar o cabelo! A gente despende um tempo

precioso, que a gente não quer despende. É custoso, é caro! (Mulher 5).

A necessidade de autoconhecimento e da aproximação com a aparência natural e uma rejeição ao artificialismo, também apareceram como motivadores do processo:

(...) se você pintasse o cabelo você parecer mais nova. E eu quero parecer mais nova? (Mulher 1).

Me dá mais identidade, mostra aquilo que eu sou, e é gostoso a gente ser aquilo que a gente é (Mulher 5).

Você é bonita, você só vai ficar mais natural (...) (Mulher 11).

Eu comecei a fazer um mergulho no interior do que na minha natureza, buscando beleza. (Mulher 17)

Ser mais natural, a gente está falando da nossa aparência ser mais parecida com o que a gente é. É uma expressão. Dessa maneira eu expressei melhor quem eu sou (Mulher 19).

Assim, essas mulheres romperam com o imperativo da tintura (Miranda; Fialho, 2017), no qual muitas mulheres não se questionam sobre a existência de uma norma, sendo sua aderência automática: quando o primeiro cabelo branco surgir trate de escondê-lo! Por que uma situação tão incômoda e dispendiosa continua mobilizando tantas adeptas no Brasil? A pesquisa de Felerico (2021) revelou que grande parte das entrevistadas relatou que o ato de tingir os fios brancos era automático. Nunca haviam se questionado sobre a necessidade ou desejo de pintar os cabelos grisalhos. Era como se não existisse a opção de ser uma mulher grisalha. Além disso, foi apontado a necessidade de manter uma aparência jovem atrelada ao cabelo tingindo.

E é assim que atua o “mito da beleza”, fazendo com que, de maneira incisiva e peculiar, as mulheres se ocupem mais da beleza do que qualquer outra questão em suas vidas. O “mito da beleza” é uma estratégia, pós-1950, que busca fazer com que as mulheres se ocupem mais da beleza do que qualquer outra questão em suas vidas. Neste contexto, o mito assume a tarefa de controle social, antes exercida pela mística da domesticidade, maternidade e castidade (Wolf, 1992).

Apoiadores e contrários

Segundo as depoentes do documentário, ao assumirem os cabelos brancos, elas receberam muitas críticas, censuras, interpelações e comentários ofensivos, inclusive por parte de desconhecidos. Também foi evidenciado o movimento das mulheres que gostariam de embranquecer os cabelos, mas não o fazem por atendimento aos desejos de familiares, bem como as que deixaram os cabelos embranquecerem e ainda recebem críticas, como mostram os trechos abaixo:

E eu falava que não ia por tinta no cabelo, mas aí começaram ... Minhas filhas falaram: mamãe você está parecendo o gambá! Daí meu esposo chegou com a tinta e nem perguntou (...). Daquele dia que eu passei a pintar. Eu achava lindo o cabelo branco (...). Quando eu era menina, meu pai não deixa cortar (Mulher 11).

Eu custei para aceitar esse cabelo branco. Não engoli ainda isso. Então, é um eterno conflito. (...) Cê tá linda, mas eu, particularmente, prefiro você do outro jeito. Porque eu acho ela muito jovem para ter esse cabelo assim tão assumido. Podia ter umas mechas, alguma coisa assim diferente. Eu não gosto. A minha esperança é essa, que ela faça alguma coisinha pra melhorar. (...) o companheiro dela que é mais jovem tem uma aparência jovem. Ela deveria acompanhá-lo, ter uma aparência jovem (Mãe Mulher 3).

Nota-se que o processo de negação dos cabelos brancos e sua associação com a feiura integram os discursos dos homens e das mulheres. Conforme Piedade (2017), o corpo idealizado não resulta de uma representação universal, pelo contrário, a instituição de um corpo idealizado existe no contexto de uma sociedade estratificada por classes sociais e relações de gênero, ocasionando tensões entre o corpo tido como idealizado e o possível.

Para Neves (2016), o surgimento dos primeiros cabelos brancos representa uma desgraça para muitas brasileiras. No entanto, se desde o nascimento até à vida adulta, os fios de cabelo frequentemente passam por tonalidades e texturas diferentes, por que, o cabelo branco tem o poder de ocasionar uma experiência tão dramática? Conclui-se que os signos associados à “velhice” surgem como uma desgraça porque remetem à noção de decadência física e debilidade para as mulheres.

Na fala da participante número 11, percebe-se uma gerência de sua aparência desde a infância. Em primeiro lugar, imposta pelo seu pai e, na vida adulta, pelo marido e filhas. Esse tipo de controle, a contragosto, faz com que essa mulher sacrifique seus desejos e gostos, para atender às demandas externas. Segundo Klotz (2017), o fato de tingir os cabelos é uma forma de negar a velhice, que também pode estar associado a uma carga de sofrimento. Como a mulher 11, algumas entrevistadas de Klotz gostariam de deixar os cabelos brancos naturais, no entanto foram desencorajadas pelas famílias por meio de críticas que tingem o cabelo por causa das críticas dos filhos. Essas situações evidenciam a força do reconhecimento pelo Outro na formação da percepção do corpo-próprio, por meio de discursos que agem para reificar os corpos, alterando não somente a percepção, mas a materialidade destes.

Integrando o grupo dos contrários, os cabeleiros também foram citados:

O primeiro incômodo que eu senti com meu cabelo foi por parte do meu cabelereiro. (...) aí começou aquela cara feia, não, você vai ficar com cara velha. E a cada vez que eu ia cortar o cabelo novamente vinha àquela pressão pra eu voltar a pintar (Mulher 8).

Eu acho que teve muito preconceito, primeiro de um amigo que é cabelereiro. Eu estava viajando, na Nicarágua, e falei pra ele: vou assumir, o que você acha? Ele: ‘Ah, mas você é tão bonita, não devia assumir’. Ela: ‘Se eu sou tão bonita, porque então?’ Então confessou que, nesse meio dos cabelereiros, tem muito preconceito (Mulher 9).

Existe um movimento que a gente vê lá fora das mulheres de cabelo grisalho. Eu sou super a favor. Eu só acho que uma mulher que assume o cabelo branco não parecer que tá ficar fora da pista. (...) tem a coisa da vaidade, da sensualidade, eu não acho que essa mulher não pode perder isso (Cabeleiro).

Pelos discursos dos cabeleiros parece haver uma unanimidade em relação à existência de um “bom senso”, um “envelhecer bem” sem ficar obsessiva nem desleixada (Neves, 2016). No caso dos cabelereiros, a negação do cabelo branco pode estar relacionada às perdas financeiras em decorrência da interrupção de suas clientes com os custosos processos de tingimento capilar. Ademais, existem profissionais que apresentam dificuldade em vislumbrar beleza fora do padrão estético hegemônico. São os mesmos que assumem comportamento semelhante aos cabelos afros, sugerindo que as clientes permaneçam com os processos de alisamento.

Por outro lado, as mulheres portadoras de cabelos brancos também relataram os elogios recebidos, sobretudo por parte dos homens.

Eu deixo a critério dela quando for o momento dela deixar os cabelos branquinhos, mas eu tô pagando pra ver. E acho que vai ficar muito bem (Cônjuge Mulher 5).

Bom, eu não sei, o que importa no caso é o que eu achei com relação a evolução do cabelo dela, que me agrada profundamente. Acho, inclusive, *sexy* (Cônjuge Mulher 6).

(...) E daí, de um dia pro outro, começou tudo a ficar muito lindo e todo mundo começou a me olhar, e os maridos das amigas a elogiarem (Mulher 18).

Como sugeriu Neves (2016), em alguns casos, as mulheres perceberem o cabelo branco como um capital no mercado profissional, afetivo e sexual. Assim, embora entre as mulheres os cabelos brancos sejam associados à perda de beleza, existem pessoas que se sentem atraídas por eles, revelando que uma pluralidade do interesse humano.

Transição capilar e liberdade

Conforme observado por Miranda e Fialho (2017), a percepção de que as tinturas não são uma obrigação, mas uma alternativa, possibilitou às mulheres certa liberdade para lidar com sua aparência física e questionar os padrões massificados de beleza. Os trechos abaixo exemplificam essa perspectiva:

Cada vez que a minha raiz crescia um pouquinho, eu queria enlouquecer. Eu odiava! Até que um dia eu libertei (Mulher 3).

Eu renasci, aos 65, desse ponto de vista. Fênix. Toda aquela história de parar de pintar para assumir a sua velhice virou para de pintar para assumir a minha energia de terceira idade (Mulher 12).

Em um caso específico, esse sentimento de libertação causou uma reação em cadeia que atingiu três gerações de uma mesma família, iniciado pela filha.

Outra coisa que eu achei interessante era minha mãe que é uma mulher muito bonita, muito vaidosa, no começo falava pra eu não deixar os cabelos brancos, porque ia me deixar feia e abatida. Eu pedia para ela deixar que eu experimentasse. Depois que ela me viu, ela falou: 'não é que você está bonita?' Então, eu falei: 'mãe, deixa!' [...] e minha avó em seguida da minha mãe (Mulher 11).

Em *A Bela Velhice*, Goldenberg (2013) afirma que os longevos, sobretudo as mulheres com mais de 80 anos, deixam de se preocupar com a visão do outro e passam a priorizar seus próprios desejos. "Eles enfatizam que, com mais idade, conquistaram a liberdade de ser 'eles mesmos' " (Goldenberg, 2013, p.38). Assim, liberdade torna-se uma palavra recorrente na fala de mulheres maduras ou velhas. Após cumprirem os papéis obrigatórios de esposa e mãe, as mulheres, nessa etapa do ciclo da vida, se sentem mais livres para dedicar seu tempo em favor da própria vida (Goldenberg, 2013; Debert, 2004).

De acordo com Goldenberg (2013), a construção da "bela velhice" parece depender tanto da sensação de segurança (saúde, dinheiro suficiente para ter uma vida confortável, família, trabalho) como da liberdade (seguir sua própria vontade). Além disso, a "bela velhice" está calcada na construção de relações de amizade, em saber "dizer não", em vencer os próprios medos, na aceitação da idade (saber valorizar outros capitais em detrimento ao capital corpo) e em encarar a vida com humor.

No estudo conduzido por Klotz (2017), usar cabelos brancos também foi considerado pelas entrevistadas como um indicador da aceitação do envelhecimento e uma atitude libertadora com um sentido político: sinal de empoderamento das mulheres idosas. Segundo Miranda e Fialho (2017), essa busca pela liberdade e a coragem de quebrar um tabu (mulheres, especialmente as

jovens e de meia-idade com cabelos grisalhos) ultrapassa o nível individual, pois é uma atuação nesse campo, mas que, ao mesmo tempo, contesta toda uma tradição sobre o que se espera de uma mulher: que tenha sempre um aspecto jovem.

Com a ostentação de símbolos do envelhecimento corporal como mecanismo de libertação, percebe-se a existência de um movimento que marca um novo lugar para o envelhecimento feminino. Em vez de ser um lugar da neurose pela juventude ou o lugar do início do final da vida, essas mulheres mostram uma nova cara do envelhecimento feminino (Miranda; Fialho, 2017).

Nesse sentido, as mulheres do documentário sentem-se, além de livres, belas, como mostram os trechos a seguir:

Cabelo branco é uma coisa que eu adoro, eu adoro meu cabelo, pra mim representa o que o sou. Que escravidão é continuar escondendo uma coisa linda que pode ser linda (Mulher 14).

De manhã eu olho meu cabelo no espelho e ele é prateado, tem um brilho que nenhuma tintura dá (Mulher 16).

Assim, como na pesquisa encabeçada por Miranda e Fialho (2017), as mulheres do documentário sentiram que o cabelo grisalho/branco aumentou sua autoestima. Ou seja, para essas mulheres, assumir o embranquecimento natural dos cabelos trouxe uma nova visão sobre autopercepção de sua aparência física. Essa mesma percepção foi corroborada pelas entrevistadas de Felerico (2021), além da melhora da autoestima, elas relataram a coragem de quebrar um tabu: o da percepção dispare entre a beleza da juventude feminina e o envelhecimento da maturidade, acarretando uma visão mais aceitável sobre estar feliz com sua aparência física, ampliando o conceito de beleza para essas mulheres.

Entretanto, segundo Viagerello (2006, p. 182), é próprio da indústria do embelezamento contemporâneo romper com o sentido da massificação propondo um investimento particular na imagem individual e do seu sentido, ou seja, oferecer aos usuários o poder dominar a aparência e transformá-la em um sinal marcante do si individualizado. A beleza existiria então nos traços mais subjetivamente desejados, na melhor versão de si mesmo. “Essa extrema personalização não levou a dispersão aparente das marcas estéticas”. Levou também a uma força nova dada às indicações do corpo: “reencontrar algo do valor original a partir da aparência”.

Assim, frente à existência de uma “revolução grisalha” que tem sido destacada em campanhas publicitárias¹, questiona-se até onde o cabelo branco ou grisalho aparece como contestação ao “mito da beleza” ou constitui um novo território de adesão a outros rituais de beleza cercados por novos aprisionamentos.

Transição capilar e aprisionamentos

O documentário mostrou que o cabelo branco não traz apenas libertações, mas impõe aprisionamentos, conforme nota-se nas falas a seguir:

Eu tenho uma amiga que falou pra mim: ‘Posso ter uma conversa muito sincera com você? Tem uma coisa que está me incomodando muito [...] esse cabelo, o que você pretendendo? Você está ficando louca?’ Eu acho que eu pretendo ser uma Meryl Streep. ‘Ah é? Então tá bem!’ Eu acho que se eu tivesse falado, sei lá, Maria Betânia, teria sido ruim. Mas como eu Meryl Streep, tem uma grife (Mulher 6).

Bom, tudo bem, se você for deixar cabelo branco aí você vai ter que usar salto alto, batom vermelho, se impor. Porque cabelo branco pede algo muito tchan (...), você vai ter que mudar esse

¹ O uso de mulheres grisalhas tem sido percebido em produtos de beleza, inclusive entre os cremes antienvelhecimento, como em #velhapraisso, de Chronos Natura, 2017.

estilo. Só podia deixar o cabelo branco se eu ficasse um estilo, sabe o Diabo Veste Prada? (Mulher 7).

Você não conhece o cabelo, você tem que começar a conhecer o branco, usar os produtos certos, então fica uma fase feia. Aí vem muita crítica (Mulher 9).

Olhando algumas fotos eu me senti mais velha na foto do que agora, porque agora eu me exijo (Mulher 13).

Pelas falas, expõem-se inúmeras regras e esforços de polimento dos fios brancos: xampus especiais, hidratações, cortes “modernos” escovas, a fim de neutralizar o potencial envelhedor do branco e evitar o aspecto feio (Neves, 2016).

Segundo Araújo (2019), ao assumir os cabelos brancos, percebe-se que certas cobranças também são bastantes presentes, principalmente para as idosas. Ou seja, para as portadoras de cabelos brancos, são exigidas outras técnicas de camuflagem dos traços físicos do envelhecimento, que não são exclusividade das mulheres velhas; mas elas têm, de acordo com padrões culturais, a necessidade de parecerem jovens fisicamente. E, apesar da sociedade brasileira estar envelhecendo, as marcas da velhice devem ser disfarçadas, pois, no Brasil, é o aspecto, o comportamento, o visual, o espírito, o corpo jovem que é desejado e almejado por inúmeros indivíduos.

Em *Reinvenção da Velhice*, Debert (2004) aborda o processo de “reprivatização da velhice”², no qual a velhice tende a ser vista como um assunto privado, inerente ao sujeito, consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados.

A fala “Agora eu me exijo” (mulher 13) demonstra que o grisalho/branco requer outros investimentos em beleza, além dos cuidados com os próprios cabelos, como maquiagem, salto etc., uma espécie de maneira de compensar a infração estética representada pelos embranquecimento dos fios que tornam seu envelhecimento público. Assim, a beleza dessas mulheres “não é aceita de forma natural, sendo exigido ‘algo a mais’ (polimentos, sensualidade, hipermulheridade)” (Neves, 2016, p.65).

Embora o cabelo branco seja um traço de senilidade, de certa forma, “proibido” para a aparência considerada envelhecida, passa a ser aceito desde que se mantenha uma aparência juvenil.

Considerações finais

Dentre os fatores que motivaram o processo de aceitação dos cabelos grisalhos e brancos, as mulheres apontaram a insatisfação com o processo de tingimento (monetário e de tempo) e a necessidade de autoconhecimento, da aproximação com a aparência natural e uma rejeição ao artificialismo.

Em virtude do processo de transição capilar, essas mulheres receberam muitas críticas, censuras, interpelações e comentários ofensivos, inclusive por parte de desconhecidos. A maioria dos comentários negativos partiu de mulheres e dos cabelereiros. Apesar das repreensões, também existem elogios.

O principal sentimento decorrente da ruptura com o processo de tingimento de cabelos foi o de liberdade. Em alguns casos, além de livres, as mulheres se sentiram mais bonitas, reforçando a ideia do cabelo branco como um capital efetivo no mercado afetivo, sexual e profissional. Por outro lado, parte delas relatou a existência de aprisionamentos, ou seja, exigências para adoção de outras técnicas de camuflagem dos traços físicos do envelhecimento (maquiagem, corte moderno etc.), além dos cuidados específicos para os cabelos brancos, como shampoos, cremes etc.

2 Antes da Constituição Federal do Brasil, de 1988, e da legislação de proteção ao idoso, a velhice era vista como um tema privado, de responsabilidade exclusiva das famílias, da qual o Estado não se comprometia. Com a legislação, o Estado torna a velhice um assunto público, assumindo o compromisso com essa população. Concomitantemente, aqueles que não adotam o estilo de vida ativo são culpabilizados pelo seu “fracasso”, tornando a velhice, novamente, um assunto privado, por isso o uso do termo reprivatização (Debert, 2004).

Essa duplicidade de sentimentos reitera a existência de uma normatividade que cerca o corpo feminino e é permeada pela manutenção de uma aparência jovem. Nesse sentido, como afirma Sibilia (2012), envelhecer é um pecado estético.

O documentário *Branco & Prata* aborda um tema atual, relevante e necessário, sobretudo para a sociedade brasileira, na qual o corpo jovem e magro se configura como um capital. Em meio a um expressivo crescimento da população mais velha, o documentário cumpre o papel de fornecer visibilidade midiática ao tema.

Referências

ARAÚJO, D. C. A revolução grisalha: mulheres (re) semantizando signos do envelhecimento. **dObras**, v. 2, n. 25, p. 130-143, 2019.

AIRES, B. S.; LOPES, A. Revolução grisalha: libertação e midiaticização. **Revista Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 135-159, jan-abr 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/53714/33386>. Acesso em: 02 dez. 2023.

AIRES, B. S.; LOPES, A. Revolução grisalha: identidade e aparência feminina a partir da experiência de Daniela De Bonis Coutinho. **ModaPalavra**, v. 17, n.42. p. 1-8, 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BRANCO & PRATA. Dir.: BASSANELLI, Humberto; LAGE, José Carlos. **São Paulo**: IMG Content, 2017. 1 DVD (38 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DHoQq9ESvss>. Acesso em: 21 fev. 2024.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp/Fapesb, 2004.

FELERICO, S. As mulheres e seus cabelos brancos. Novas práticas de consumo no período pandêmico de isolamento social. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL EM -COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 8, 2021. **Anais [...]**. São Paulo, 2021. p. 1-15. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://comunicon.espm.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/GT-06-FELERICO.pdf>. Acesso em: 02 dezembro 2023.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

IMG CONTENT. **Branco & Prata**. Disponível em: <https://imgcontent.com.br/projetos/branco-prata/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

KLOTZ, G. A. C. Percepção estética do envelhecimento feminino. **Mais 60 - Estudos sobre Envelhecimento**, v. 28, n. 67, p. 30-37, 2017.

MACKINNEY-VALENTIN, M. Face value: subversive beauty ideals in contemporary fashion marketing. **Fashion, Style & Popular Culture**, v. 1, n. 1, p. 13-27, 2012.

MELO, C. T. V. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, v. 5, n. 1, p. 25-40, 2002.

MIRANDA, T.; FIALHO, C. E. Grisalhas: um estudo sobre cabelo, liberdade feminina e “política-vida”. *In*: **Anais do XXI Seminário Internacional Fazendo Gênero e XIII Women’s Worlds Congress**. Florianópolis, Brasil, 2017.

NEVES, D. F. Mulheres de cabelos brancos: reflexões sobre desvio e padrões de feminilidade. *In: GOLDENBERG, M. (org.). Velho é lindo! Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.*

PIEIDADE, Ana. Corpos-território e a construção identitária. *Revista Migrações*, Lisboa: ACM, n. 14, pp. 122-134, 2017.

PUCCINI, S. J. **Documentário e Roteiro de Cinema**: da pré-produção à pós-produção. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 9, n. 26, p. 83-114, 2012.

TEIXEIRA, D. P.; FARIAS, R. C. P. As representações da velhice e sua interface com a moda. *Dispositiva*, v. 8, n. 1, p. 85-99, 2020.

VIGARELLO, G. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Recebido em 18 de fevereiro de 2024.

Aceito em 26 de maio de 2024.